

UM ESTUDO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DO VERBO TOMAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO*

Tarcilane Fernandes Silva¹

RESUMO: As formas verbais são elementos essenciais para a formação do sentido dos enunciados. Os verbos desempenham um papel importante nas construções linguísticas, sua função vai muito além do mero papel de exprimir ações, estados ou fenômenos naturais, como consideram algumas teorias. Pensando nessa dimensão de empregos e na elasticidade de sentidos e usos dessas unidades lexicais, optamos por fazer um estudo do verbo “tomar” no português por este apresentar grandes incidências nos usos formais e informais da língua. Subsidiamo-nos na Teoria das Operações Enunciativas (TOE), idealizada por Antoine Culioli. Investigar esse verbo sob a égide dessa teoria nos proporciona trabalhar com um modelo de pesquisa que opera com uma construção dinâmica da significação. Os pesquisadores culiolianos propõem um modelo de identidade semântica que advém da variação da unidade, sendo esta, um campo heterogêneo que obedece a princípios reguladores e específicos da atividade de linguagem. Sob esta ótica, propomos a análise do verbo “tomar”, a fim de explicitarmos a identidade desse lexema a partir das diversidades de suas ocorrências. Para tanto, inserimos esse verbo num contexto de conceitos como os de identidade e variação segundo a TOE.

Palavras-chave: Verbo “tomar”; Identidade; Variação; Teoria das Operações Enunciativas.

INTRODUÇÃO

Uma linha de investigação que almeje demonstrar os usos da língua em toda a sua amplitude e complexidade não pode relegar a segundo plano o processo de construção e estruturação do enunciado na aplicabilidade de seus usos. Assim é que a Teoria das Operações Enunciativas (TOE) propõe uma

* Este artigo é fruto de nossa dissertação de mestrado na qual investigamos, sob a égide da TOE, os verbos *tomar* e *levar* no português. Com o intuito de fazermos uma exposição mais aprofundada nesta publicação, abordaremos apenas o verbo *tomar* e seu funcionamento semântico enunciativo.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí e doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos



abordagem que apesar de partir das formas linguísticas, diferencia-se de outras teorias que tomam as formas enquanto códigos meramente estabilizados e acabados, passíveis de classificações fixas, portadoras de um sentido unívoco.

Distanciando-se dessa estabilização, a TOE demonstra através do estudo dos enunciados enquanto estruturas observáveis, todo o processo de elaboração e construção dos sentidos, partindo da ideia de que este não é dado, mas construído. Há nesse processo “uma estabilidade que se desestabiliza a cada construção de sentido. A construção de sentido de uma ocorrência **a** que se desestabiliza em relação a uma construção de sentido de uma ocorrência **b**” (LIMA, 2013, p. 46). Os enunciados são o resultado das operações realizadas pelos sujeitos que os constroem. Assim, Culioli inovou ao dar à linguística uma vertente própria e diferenciada, ao levar suas análises para além da estrutura superficial das marcas lexicais, ao propor uma linguística de investigação do enunciado.

Através da dinâmica de interação dos sentidos apresentados por “tomar” em diferentes cotextos, mostraremos a identidade existente por trás da diversidade. Através da forma esquemática, numa atividade de reformulação controlada e manipulação dos enunciados, buscaremos a identidade desses verbos nos usos linguísticos.

Essa atividade será possível através da elaboração de glosas e da manipulação controlada do material verbal, o que nos permitirá identificar o que há de comum na construção de sentidos dos enunciados escolhidos para análise. “Consiste, portanto, em uma atividade reflexiva acerca dos fatos da língua, permitindo o acompanhamento da progressão do raciocínio lógico efetuado na ação, bem como a ativação de processos cognitivos específicos à atividade de linguagem” (LIMA, 2013, p. 17).

A escolha por “tomar” para esta investigação se deu pelo fato de este verbo ser bastante recorrente nos usos formais e informais da língua; questionamentos acerca do funcionamento e da identidade desse verbo suscitaram o desejo de investigá-lo.

QUADRO TEÓRICO DAS OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS

A Teoria das Operações Enunciativas (TOE) apresenta uma proposta teórica de estudos linguísticos que evidencia como se estruturam e como se constroem os enunciados de uma língua, mostrando como os termos se relacionam a fim de produzir sentido. Esse enfoque enunciativo dado ao estudo das ocorrências elabora aspectos importantes para o entendimento operatório da realidade linguística, levando-nos a refletir e a compreender não só o enunciado enquanto estrutura observável, como também seu processo de elaboração e construção.

Trata-se de uma teoria enunciativa porque toma como objeto de estudo o próprio enunciado, este é estudado não como o “resultado de um ato de linguagem individual, mas como uma organização de formas a partir das quais





os mecanismos enunciativos podem ser analisados no quadro de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual ele é a marca (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 88). Assim, podemos dizer que essa teoria tem, dentre outros propósitos, o objetivo de explicar de que forma os enunciados são produzidos. Nesse movimento teórico, a linguagem é analisada somente através do que as formas permitem dizer. O investigador terá que, a partir de um dado enunciado, observar como se dá sua estruturação e, através dessa observação, simular a construção do mesmo a partir dos traços nele deixados pelo sujeito enunciativo. É, portanto, característica da TOE dispensar grande enfoque à teorização da linguagem enquanto atividade primordialmente relacionada ao sujeito, não há nessa concepção uma separação entre as formas de uso da língua e os sujeitos que utilizam essas formas; “trata-se não de sujeitos que utilizam formas, mas de formas que marcam e constroem sua presença, formas que traçam a atividade dos sujeitos. A presença dos sujeitos não tem nada de heterogêneo ou de transcendente às formas: ela lhes é inerente” (DE VOGÜÉ; FRANCKEL; PAILLARD, 2011a, p. 11). Assim, a atividade de linguagem é sempre definida pelo que as formas permitem dizer.

Nas primeiras fases de desenvolvimento dessa teoria, há uma constante recorrência à hipótese de que todos os termos têm um ponto de partida ou de referência em relação a outro termo, a essa recorrência, Culioli denominou de “termo de localização”.

O conceito de localização liga-se à ideia de localizar um termo relativamente a outro termo, o que implica, de forma necessária, que, por via de uma operação de localização, se estabeleça uma relação. A relação de localização é sempre binária e é indispensável para que qualquer objeto adquira uma forma e um valor (VALENTIM, 1998, p. 35).

Para Culioli, todo e qualquer termo linguístico é sempre tomado em relação a outro termo, ambos denominados, respectivamente, de termo orientado e termo orientador (FRANCKEL; PAILLARD, 2011).

Numa segunda fase de desenvolvimento de seu programa linguístico, Culioli passa a se centrar nos conceitos de noção e de domínio nocional, que apresentam grande relevância no desenvolvimento de sua teoria. Com o aprimoramento das investigações, esses conceitos foram aperfeiçoados e, atualmente, a TOE considera de primordial importância a participação desses dois processos na construção e estruturação da significação de um enunciado. A elaboração de uma ocorrência sempre é estruturada em etapas que giram em torno de noções, domínios nocionais e orientações em relação a outro termo linguístico. “As noções são apreendidas e estabilizadas através de ocorrências, e o acesso a elas se dá através do texto, mais precisamente, através da articulação entre léxico e gramática. Desse modo, não há uma relação entre noção e palavra” (LIMA, 1997, p. 149).



Culioli teve a preocupação de sustentar os constructos teóricos de seu programa de trabalho com o maior rigor científico possível, a fim de que houvesse cientificidade tanto nos conceitos engendrados pela TOE, quanto nas análises estabelecidas através da observação dos enunciados em situações de uso. Para chamar a atenção dos estudiosos a esse aspecto, o autor orienta que, no estudo da linguagem, o linguista deve considerar que:

Não há linguística sem observações profundamente detalhadas, não há observações sem teoria dos observáveis; não há observáveis sem problemática; não há problemática que não conduza a problemas; não há problemas sem busca de soluções; não há soluções sem raciocínio; não há raciocínio sem sistema de representação metalinguística; não há sistema de representação metalinguística sem operações, em particular sem categorização; não há categorização sem transcategorização (CULIOLI, 1999a, p. 66 – Tradução nossa).²

Podemos dizer que o pesquisador dessa área deve analisar o enunciado voltando-se para sua organização estruturante, procurando antever as operações a que não tem acesso direto através do conjunto de marcadores dispostos nos textos, ou seja, deve analisar os vestígios observáveis dessas operações a fim de chegar às pré-lexicais e pré-enunciativas, próprias de cada construção linguística. Dessa forma, a TOE é a teoria da manipulação dos dados, não se trabalha nessa corrente teórica com referentes, e sim com valores referenciais que são estabilizados no enunciado.

Para que entendamos melhor esses processos, retomemos o conceito de enunciar: segundo Culioli, enunciar significa “construir um espaço, orientar, determinar, estabilizar uma rede de valores referenciais, em suma, um sistema de repérage” (CULIOLI, 1999a, p. 44 – Tradução nossa)³. Isso implica que todo enunciado incita a construção de um espaço enunciativo que difere da realidade e que não está vinculado a nenhuma referência pré-estabelecida. Nesse espaço são construídos níveis de representações específicos, como o nível dos valores referenciais. De acordo com Romero, “nesse nível, localizado no caminho intermediário entre a realidade e a língua, as produções lingüísticas dão origem a *ocorrências*, e isso justamente porque uma mesma unidade permite construir valores referenciais diversos” (ROMERO, 2000, p. 67).

Assim, podemos dizer que o que existe na cena enunciativa é, na verdade, um jogo estabelecido entre o material semântico, ao qual as unidades remetem quando integradas a um contexto, e as noções. Essa forma de

² Pas de linguistique sans observations profondément détaillées; pas d'observations sans théorie des observables; pas d'observables sans problématique ; pas de problématique qui ne se ramène à de problèmes; pas de problèmes sans la recherche de solutions; pas de solutions sans raisonnement; pas de raisonnement sans système de représentations métalinguistique; pas de système de représentation métalinguistique sans opérations, en particulier sans catégorisation ; pas de catégorisation sans transcategorialité.

³ Enoncer, c'est construire un espace, orienter, déterminer, établir un réseau de valeurs référentielles, bref, un système de repérage.





observar a estruturação e o processo de construção de sentidos dos enunciados corrobora para que a TOE delimite bem sua área de atuação nas pesquisas linguísticas. De acordo com Correia (2006), um dos pontos primordiais dessa concepção teórica é a forma como os saberes estão organizados; é feita, nessa teoria, uma separação entre o que é da competência dos estudos linguísticos e o que não é.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DO ENUNCIADO SEGUNDO A TOE

Conforme mencionamos na seção anterior, dentre os muitos conceitos de sua teoria, Culioli direcionou especial atenção à noção e ao domínio nocional. Passemos agora para esta definição. O autor dá a seguinte descrição para noção:

A noção se situa na articulação do metalinguístico e do não-linguístico, a um nível de representação híbrida: de um lado, trata-se de uma forma de representação não linguística, relacionada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiências de tudo no mundo. Há espaço a esse nível por cadeias de associações semânticas ou de “agrupamentos” de propriedades estabilizadas pela experiência, armazenada e elaborada de diversas formas (especialmente em relação ao processo de memorização: imagens ou sonhos emblemáticos) (CULIOLI, 1999a, pp. 9-10 - Tradução nossa)⁴.

A noção se estabelece no campo do indizível, existindo apenas na dimensão particular de suas ocorrências. O domínio nocional, por sua vez, é denominado por Culioli (1999a) como “ramificação de propriedades que se organizam em relação aos outros, em função de fatores físicos, culturais e antropológicos”⁵ (p. 10). Corresponde “à diversidade das ocorrências da noção em função da articulação singularidade/ exemplaridade” (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 94 - Tradução nossa).

A importância dispensada a esses conceitos se justifica pelo fato de que, através deles, estruturamos todas as demais operações para as construções linguísticas; é pela noção e pelo domínio nocional que temos habilidades de produzir enunciados bem formados, utilizando outros conhecimentos que servem como centro organizador e ponto de referência para os demais (FRANCKEL, 2011).

⁴ La notions se situe à l’articulation du (méta) linguistique et du non linguistique, à un niveau de représentation hybride : - d’un côté, il s’agit d’une forme de représentation non linguistique, liée à l’état de connaissance et à l’activité d’élaboration d’expériences de tou un chacun. Il y a place à ce niveau pour des chaînes d’associations sémantiques où l’on a des <<grappes>> de propriétés établies par l’expérience, stockées et élaborées sous des formes diverses (en liaison notamment avec des processus de mémorisation : images, activité onirique ou emblématique, etc.).

⁵ Ramification de propriétés qui s’organisent les unes par rapport aux autres en fonction de facteurs physiques, culturels, anthropologiques.



Assim, o enunciado em sua fase de produção é hierarquizado em três níveis: no nível 1 se situam nossas representações mentais, é nele que se instauram as representações da realidade, uma realidade imaginária a que não temos acesso, o acesso a esses mecanismos só chega até nós por meio de nossas ações, nossa fala, isto é, através da nossa atividade de língua. É somente no nível 2, nível das representações ou do texto, que o falante passa a ter acesso a essas representações. Portanto,

Não temos acesso ao nível 1, e não há uma relação de homogeneidade, de co-extensividade, de instantaneidade entre o nível e o nível 2, isso quer dizer que eu não posso remontar do nível 2 ao nível 1. O nível 2 me permite de forma unívoca ter uma boa representação do que seja o nível 1 (CULIOLI, 1985, p. 6 – Tradução nossa).⁶

Por fim, temos o nível 3, que é um sistema de representações necessariamente metalinguístico. Nesse estágio das operações, há uma análise e uma formalização feita pelo linguista que, ao observar o processo de construção das ocorrências, passa a ter um controle do processo linguístico, identificando suas etapas de construção através da ancoragem das formas do enunciado. Essa busca fundamenta-se no fato de “não existir um só marcador que não traga em sua memória o rastro de sua gênese constitutiva, é unicamente por meio deles que se pode buscar os mecanismos enunciativos, que se pode buscar sua estrutura de base” (ROMERO, 2000, p. 60). É nesse estágio que o pesquisador extrapola o nível linguístico e recorre ao externo, ou seja, reflete sobre a língua em uma posição que lhe é exterior. Portanto, “o metalinguístico corresponde a uma tentativa de formalizar o que é, por natureza, não formulável, inacessível” (ROMERO, 2011, p. 155).

Sintetizando a estruturação dos processos envolvidos na formulação dos enunciados, Culioli enfatiza que, para produzi-los, o falante passa, inconscientemente, pelas seguintes etapas:

- 1- Estabiliza um conteúdo de pensamento indeterminado (forma uma léxis a três elementos);
- 2- Hierarquiza esse conteúdo de pensamento e indica o elemento em torno do qual vai se organizar o enunciado (esse é o estado da relação predicativa);
- 3- Situa enfim o conteúdo hierarquizado em relação:
 - a) à situação de enunciação
 - b) ao pensamento que está para o que está sendo abordado. Esta é o que constitui a etapa enunciativa (DANON-BOILEAU, 1987, p. 2 - Tradução nossa).⁷

⁶ N'ayant pas accès au niveau 1, et pas de relation d'homogénéité, de co-extensivité, d'immédiateté entre le niveau 1 et le niveau 2 cela veut dire que je ne peux pas remonter du niveau 2 au niveau 1. Le niveau 2 me permet de façon univoque d'avoir une bonne représentation de ce qu'est le niveau 1.

⁷ 1- établir un contenu de pensée indéterminé (former une lexis à trois éléments).





Podemos assim fazer a seguinte síntese desses processos operatórios: primeiro temos a noção, um sistema complexo de representações de ordem cognitiva; a partir de uma noção construímos um domínio nocional, que organiza os elementos advindos da noção; em seguida, ao estabelecermos a junção das formas, construímos o esquema de léxis, esse esquema é constituído de espaços vazios (ξ_0 , π , ξ_1), que serão instanciados por uma noção de predicado. É somente quando o falante vai para o nível linguístico que ele parte para as operações e constrói os enunciados. Após as etapas supracitadas, é estabelecida a relação predicativa, que ainda não forma o enunciado, nessa operação, o falante apenas estabelece uma orientação para a formação do mesmo, há nela um reagenciamento da léxis que permite definir os conjuntos organizados até então. De acordo com Danon-Boileau (1987), “A relação predicativa é uma prévia necessária à estabilização da relação enunciativa” (p. 18 - Tradução nossa)⁸.

Por fim, temos a operação enunciativa, é somente nela que o sujeito coloca suas marcas, valida e calcula cada um dos referentes associados à situação de enunciação. Nesse ponto, o falante deixa no enunciado marcas de asserção, interrogação, injunção, exclamação, concessão, etc., nos propiciando saber seus posicionamentos, ou seja, deixa vestígios de sua subjetividade no enunciado, portanto, é na operação enunciativa que se determinam a hierarquização e organização dos termos sintáticos em que irão aparecer as construções. Nela construímos os valores referenciais (noções gramaticais) formando, assim, estruturas linguísticas a partir das quais serão construídas as significações. Por isso dizemos que “nessa atividade só é considerado o que as formas permitem dela dizer” (DE VOGÜÉ, et alli, 2011a, p. 11).

Vale ressaltar que a separação entre essas operações é apenas um meio didático utilizado para facilitar a explicação desse processo linguístico, o que existe na verdade entre elas é uma relação de interdependência e imbricação.

Os estudos enunciativos sob a ótica culioliana tiveram o grande diferencial de elucidar as etapas pelas quais passa o falante no ato de produção da fala, sendo, todo enunciado, resultante dessas operações que se desenrolam em vários níveis. Todos os processos e operações descritos acima são importantes para chegarmos à compreensão de como se dá a construção do enunciado.

2- hiérarchiser ce contenu de pensée en indiquant l'élément autour duquel va s'organiser l'énoncé (c'est le stade de la relation prédicative).

3- situer enfin le contenu de pensée hiérarchisé par rapport :

a) à la situation d'énonciation

b) à la pensée que l'on prête à celui auquel on s'adresse. C'est ce qui constitue l'étape de la relation énonciative.

⁸ La relation prédicative est un préalable nécessaire à l'établissement de la relation énonciative.



METODOLOGIA

Nossa proposta é demonstrar, através das análises do verbo “tomar”, a regularidade que existe por trás do processo de variação de sentidos, para, a partir dessa regularidade, identificar o elemento que estabiliza suas possibilidades de emprego, e, por meio desse elemento estabilizador, chegar à hipótese da forma esquemática deste verbo, isto é, ao que caracteriza “o conjunto dos valores e dos empregos da unidade” (FRANCKEL, 2011, p. 26).

Conforme já destacamos, a teoria enunciativa convida o linguista a observar os sentidos locais dos enunciados a fim de identificar as interações co e contextuais. Um dos meios de análise utilizados para o entendimento do funcionamento dos verbos é o trabalho de elaboração de glosas.

A aplicação de tal metodologia constitui-se com um método confiável e produtivo, na medida em que contribui para o registro e análise de diferentes tipos de enunciados, sendo possível, a partir da abstração, registrar ocorrências bastante variáveis e assim obter um número enorme, mas não fechado em si mesmo, de valores que não poderiam ser identificados de outro modo, a não ser nas práticas comunicativas (LUZ, 2013, p. 95).

Os enunciados utilizados nas análises deste artigo foram retirados do site de buscas, google. Também usamos ocorrências pensadas por nós baseadas nos usos da língua a fim de explicitarmos o funcionamento desse verbo na aplicabilidade de seus usos. Indicaremos essas construções com a indicação (ON).

Com o intuito de nortear nossas análises, elegemos os três planos de variação utilizados por De Vogüé e Paillard (1997) no artigo “Identité lexicale et hétérogénéité de la variation co-textuelle”. Nesse trabalho, os autores investigam o verbo *suivre* (seguir) à luz de três critérios ou planos, o lexical, o sintático e o interno. Esses planos referem-se às condições de variação de uma unidade lexical que pode variar em função dos aspectos lexicais, sintáticos e internos.⁹ Vejamos o conceito de cada um:

Na variação lexical, o sentido da construção é modificado a partir de uma variação que ocorre no léxico. Na variação sintática, o sentido da unidade lexical varia em função da construção sintática na qual o verbo está inserido. E, por fim, na variação interna, o sentido pode variar independentemente do plano da unidade ou do contexto imediato da palavra. Nesse plano, há modificações de sentidos da unidade lexical mesmo em face de contextos constantes.

⁹ De Vogüé opta por chamar esse terceiro plano de interno por ele colocar em evidência uma deformação própria da palavra. Assim, pela falta de um termo mais apropriado, a autora denomina essa possibilidade que a palavra tem de se desdobrar em inúmeros sentidos de variação interna.





ANÁLISES

VERBO TOMAR QUANTO À VARIAÇÃO LEXICAL

Vejamos alguns enunciados a fim de mostrarmos como se dá a variação lexical nessas construções:

1. *Tomei uma vaia* surpreendente porque não comemorei como deveria ter comemorado. (GOOGLE)
2. *Tomei um murro* hoje na escola, o que fazer? (GOOGLE)
3. *Tomei um fora*. Continuo tentando? (GOOGLE)
4. Você gosta de jantar à noite ou prefere *tomar um lanche* mais leve?" (GOOGLE)

Podemos observar que nas ocorrências 1, 2 e 3, temos a presença de:

- I. Um sujeito X;
- II. Um sujeito ou elemento (Y) que atinge o sujeito (X).

Vejamos:

TOMAR { uma vaia, um murro, um fora.

Como vemos, o verbo é usado nos enunciados para marcar essa ação do elemento externo sobre o elemento atingido. Há uma ação que recai sobre um alvo; nas ocorrências o sujeito é passivo, sendo, portanto, atingido por algo praticado por outrem ou por algum elemento externo. Assim, temos uma ação realizada por Y que recai sobre X. A ação parte do exterior e atinge o sujeito: *tomei uma vaia, tomei um murro, tomei um fora*.

Observamos, nos exemplos, um sujeito que é surpreendido por uma ação que lhe choca ou impressiona. Assim, este sujeito é surpreendido ao receber uma vaia, um murro e um fora. A natureza dessa ação que surpreende o sujeito é mais facilmente percebida quando notamos que construções como “tomei um beijo” não são usuais na língua portuguesa, a menos que esse sujeito tenha sido surpreendido com tal ação e, com o intuito de descrever essa surpresa, ressalte: “tomei um beijo”.

Essa constatação nos ajudou a encontrar respostas para outras questões. A partir da observação desse funcionamento do verbo *tomar*, nos indagamos: por que dizemos comumente *tomar sol*, mas não dizemos *tomar calor*? A explicação que encontramos para essa impossibilidade de uso está exatamente no funcionamento do verbo *tomar* que convoca, normalmente, a existência de um sujeito X que é alvo de algo externo. É o que ocorre, por exemplo, quando dizemos, *tomei sol*, temos instaurada nessa cena enunciativa um sujeito que recebe sobre seu corpo raios solares. Porém, quando dizemos, *tomei calor*, fugimos desse padrão de funcionamento, uma vez que *calor* não é o que incide diretamente sobre o sujeito, não configura algo externo que atinge



alguém, o *calor* é, na verdade, a resposta que o corpo dá à recepção do sol: *tomei sol* e, como consequência, senti calor.

Algo semelhante ocorre com as expressões *tomei chuva* e *tomei neve*. A chuva é representada pela água que molha, que envolve o sujeito. Podemos dizer que quando alguém toma chuva, recebe diretamente sobre seu corpo esse fenômeno, uma vez que é molhado, lavado pela água que atinge seu corpo. Com a neve, no entanto, não acontece o mesmo, por isso, dizemos, *tomei uma chuva*, mas não dizemos *tomei uma neve*. Nessa relação o sujeito precisa receber diretamente sobre si a substância, isto é, precisa ser envolvido pelo fenômeno como em *tomei sol*, *tomei chuva*, *tomei banho*, etc. Quando essa relação não ocorre, a construção se torna incomum e não usual no português.

A expressão “tomar um lanche”, descrita no enunciado 4, chamou nossa atenção quando nos indagamos, por que podemos usar a expressão “tomar” um lanche, mas não podemos dizer, “tomar uma janta”? O que marca a fronteira de usos do verbo nessa construção?

A fim de compreendermos o sentido dessa expressão, partimos inicialmente da ideia de que quando perguntamos a alguém “você gosta de jantar à noite ou prefere tomar um lanche?”, é como se tivéssemos fazendo uma divisão em que colocamos, de um lado, o que seriam as refeições diárias, mais completas, que são comumente preparadas para serem consumidas no almoço e na janta, e de outro lado, refeições que não envolvem o cardápio e a variedade de alimentos típicos do almoço e da janta, como é o caso do café da manhã e de um lanche que pode substituir um jantar. Assim, posso dizer “tomar café da manhã”, “tomar um lanche mais rápido à noite”, para caracterizar essa refeição que exclui os alimentos típicos de um almoço e de uma janta convencionais, mas não posso dizer “tomar um almoço” ou “tomar uma janta” para caracterizar essas duas refeições do dia.

Conforme pudemos observar, uma mesma unidade verbal tem seu sentido atualizado ao ser inserida em cotextos diferentes, ou seja, ao variarmos o material lexical no qual um verbo se insere, vemos seu sentido ser atualizado, este não é definido *a priori*, mas construído localmente, no enunciado, conforme defende a TOE.

VERBO TOMAR QUANTO À VARIAÇÃO SINTÁTICA

Observemos nos seguintes enunciados as modificações de sentido do verbo *tomar* a partir da alteração da estrutura sintática na qual este lexema se insere:

5. Pare de se humilhar, menina, *tome seu lugar!* (ON)
6. É quando Ele nos *toma pela mão* direita e começa a nos guiar. (GOOGLE)
7. Eu estava no ônibus e fui olhar o horário no *meu celular*. Ele veio e o *tomou da minha mão*. (GOOGLE)





Nos enunciados que elencamos acima, temos diferentes sentidos para a unidade lexical “tomar” em função da construção sintática em que está inserida. A construção “tome seu lugar” indica uma ordem que enfatiza: coloque-se no seu lugar, isto é, pare de agir dessa maneira, aja de forma diferente!

Nessa ocorrência, enfatizamos o uso da palavra “lugar”. Um lugar serve para localizar algo ou alguém; diferentes pessoas podem ocupar um lugar, além disso, esta palavra sempre vai se referir a algo externo a quem o ocupa, assim, ao dizer *tome seu lugar!*, estou me referindo a algo externo, que deve passar a localizar a pessoa a qual me dirijo. Isso ocorre tanto em casos em que *lugar* indica a forma de se comportar de alguém, como em casos em que designa um assento que alguém deve tomar.

Há na cena descrita uma ordem de X para que Y comporte-se de determinada maneira numa dada situação. Conforme ressaltamos, é possível observar que essa expressão pode admitir uma segunda interpretação, quando X ordena, pede, sugere a Y que tome de volta seu assento, ou o lugar que lhe pertence.

Nas ocorrências 6 e 7, temos as expressões “tomar pela mão” e “tomar da mão”. O uso das preposições “pela” e “da”, em articulação com o verbo, determinam o sentido local de cada expressão, instaurando a diferenciação semântica entre elas. Assim, a preposição “pela” permite que X atue como condutor, guia, orientador de Y, provocando uma relação de continuidade. “Ele nos toma pela mão” quer dizer que Deus nos guia, nos conduz. Na construção 7, a preposição “da”, em consonância com o verbo, indica lugar, assim, “tomou da” nos remete ao lugar de onde o bandido tirou o celular, isto é, da mão da vítima, provocando no enunciado uma relação de descontinuidade.

As variações em função da variação sintática nos mostra que um artigo, uma preposição ou um pronome anteposto ou posposto a um verbo, determinará, em articulação com o lexema verbal, o sentido local desta unidade lexical, implicando também na alteração de sentido do enunciado.

VERBO TOMAR QUANTO À VARIAÇÃO INTERNA

Nesse plano, De Vogüé e Paillard (1997), chamam atenção ao fato de que unidades lexicais com o mesmo contexto podem transmitir sentidos diversos, convocando cenários diversificados. Tomemos o caso da expressão “tomar fôlego”, para a construção:

8. André *tomou fôlego* agora (ON).

Para essa mesma ocorrência, temos as seguintes possibilidades de sentido:

8a. André tomou fôlego para voltar a respirar normalmente;



- 8b. André encorajou-se, criou novo ânimo para enfrentar determinada situação;
- 8c. André dominou determinado acontecimento ou situação.

Nas ocorrências que coletamos, esses sentidos são evidenciados nos seguintes enunciados:

9. Para fazer um mergulho você tem de ir até a superfície, *tomar fôlego* e voltar para baixo da água (GOOGLE).
10. IBGE: trabalho começa a *tomar fôlego após a crise* (GOOGLE).
11. Criança pequena é assim, se você não impuser limites, ela *toma fôlego da situação*(ON).

Podemos observar que uma mesma expressão convocou diversos cenários para a interpretação dos enunciados. No exemplo 9, o sentido da expressão “tomar fôlego” advém de um cenário em que alguém, num mergulho, respira fundo antes de ficar submerso dentro da água. Nesse enunciado, “tomar fôlego” é o elemento externo que incide sobre o sujeito X da construção, porque fôlego é o ar que X inspira para dentro de si, isto é, é o externo que incide sobre X .

No exemplo 10, a expressão nos remete ao cenário em que o mercado de trabalho começa a ganhar espaço após a crise por que o país passava. Nesse enunciado, o mercado de trabalho ao “tomar fôlego”, ganha, ocupa um espaço que antes não lhe pertencia, nessa instancição, o espaço é o elemento externo que sobreveio sobre “trabalho”.

Na ocorrência 11, essa mesma expressão nos remete à cena em que uma criança, por não receber educação e limites em sua criação, desobedece e não se submete à autoridade dos pais. Temos, nessa construção, uma criança como sujeito interno à situação, e “limites” como o elemento externo que vai neutralizar a ação da criança, isto é, seu mau comportamento.

Ressaltamos que, diferentemente das demais variações apresentadas por De Vogüé e Paillard (1997), a variação interna se destaca por evidenciar que podem existir sentidos diversos para uma construção em face de um cotexto constante, isso ocorre tanto com verbos mais polissêmicos, quanto com os menos polissêmicos, como é o caso do verbo *beber*, por exemplo. De Vogüé usa o exemplo do verbo “beber” (p. 45), para mostrar que mesmo se tratando de um verbo pouco polissêmico cujo sentido é norteado quase sempre pela noção de “ingerir”, podemos ter o processo de variação interna na expressão “ele bebe”, que pode significar que alguém é alcoólico ou que alguém simplesmente ingere alguma quantidade de álcool. Nessa variação, as sequências se estabilizam semanticamente por meio dos contextos que convocam e que ajudam a estabilizá-la.





HIPÓTESE DA FORMA ESQUEMÁTICA DE TOMAR

O conceito de forma esquemática (FE) foi proposto por Culioli e consiste em uma forma abstrata de base, construída a partir de uma forma empírica e das suas propriedades distribucionais. “Os diferentes termos que constituem a FE relacionam-se entre si a partir da operação de localização abstracta, o que permite verificar qual, ou quais os termos localizados e os termos localizadores que definem, ou ajudam a definir uma determinada entidade” (CORREIA, 2003, p. 196). De acordo com Culioli:

A forma esquemática traz a representação metalinguística associada, por construção, a uma forma empírica. Essa forma esquemática nos fornece portanto, uma configuração abstrata que, segundo as transformações a qual é submetida, vão modificar sua forma, seu valor, a latitude de sua co-ocorrência (CUIOLI, 1990, p. 130 – Tradução nossa).¹⁰

Assim, a FE indica o processo de convocação/evocação de contextos desencadeados pela estabilização semântica das unidades lexicais. Essa representação abstrata demonstra que as unidades da língua são esquemas bem organizados que mobilizam o contexto, sendo, por isso, passíveis de estabilizações diversas.

Tomando por base as análises que fizemos de enunciados com o verbo *tomar*, propomos as seguintes hipóteses de formas esquemáticas:

Dado um sujeito (X) que é atingido por uma ação praticada por um agente (Y), temos TOMAR que conduz (X) a se efetivar como paciente de uma ação externa.

Dado um sujeito (X), temos TOMAR que leva X a se efetivar como agente de uma ação de X sobre X ou de X sobre Y.

CONCLUSÃO

Tomando como embasamento a Teoria das Operações Enunciativas, propusemos analisar em nosso artigo o uso do verbo “tomar” no português. Nosso trabalho pressupõe que os lexemas linguísticos sejam analisados tomando por base uma teoria que busca a identidade das unidades lexicais através da variação de suas ocorrências. Assim, inserimos nosso estudo na TOE e procuramos abordar os principais conceitos trabalhados por ela a fim de elucidarmos como essa teoria vê o processo de construção de sentidos.

No desenrolar deste trabalho, observamos concretamente a ideia defendida pelos culiolianos de que o sentido de uma palavra não é dado a

¹⁰ Nous appellerons, nous l'avons vu plus haut, forme schématique la représentation métalinguistique associée, par construction, à une forme empirique. Cette forme schématique nous fournit donc une configuration abstraite qui, selon les transformations qu'on lui fait subir, va modifier sa forme (marqueur), sa valeur, sa latitude de co-occurrence.



priori, mas toma forma, se consolida no e pelo enunciado que lhe dá corpo. Podemos dizer que a forma de uma sequência, isto é, seu cotexto, é que permite a interpretação que damos a ela. Em todas as ocorrências que mostramos, o verbo apresentou uma possibilidade diferente de uso, em cada enunciado mostrado, a identidade do verbo foi atualizada a partir da modificação dos elementos à sua volta.

Através da observação de construções empíricas, chegamos a importantes detalhes inerentes à natureza e ao funcionamento do verbo investigado. Dentre essas descobertas, ressaltamos a nossa percepção de uso acerca do verbo “tomar”. Percebemos que esse verbo aparece, sobretudo, em ocorrências informais: recados deixados por internautas em blogs, comentários feito nos bastidores por pessoas famosas e publicados em sites de fofocas, relatos no meio virtual de pessoas anônimas acerca de determinada situação pessoal vivida, etc.

Observamos também ser recorrente nos enunciados a presença de um X atingido por algo externo praticado ou não por um Y. Houve, nesses casos, a instauração de uma dicotomia entre um elemento X paciente e um elemento Y agente externo. Nas ocorrências usuais do português, o sujeito era envolvido ou atingido diretamente por esse agente externo; nos casos em que não havia essa relação, a expressão não era usual, como os exemplos que destacamos “tomei um beijo” e “tomei uma neve”.

A SEMANTIC-ENUNCIATIVE STUDY OF THE VERB TO TAKE IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT

The verbal forms are essential elements for the formation of the meaning of utterances. Verbs play an important role in linguistic constructions, and their function goes far beyond the mere role of expressing actions, states or natural phenomena, as considered by some theories. Considering this dimension of employments and the elasticity of meanings and uses of these lexical units, we decided to do a study of the verb to take in Portuguese, since it shows a high incidence in the formal and informal uses of the language. We are supported by the Theory of Enunciative Operations (TOE), designed by Antoine Culioli, and investigating this verb under the aegis of this theory allow us to work with a research model which operates with a dynamic construction of the meaning. The Culiolian researchers propose a model of semantic identity that comes from the variation of the unit, which is a heterogeneous field that obeys the governing and specific principles of language activity. From this perspective, we propose the analysis of the verb to take in order to enlighten the identity of this lexeme





from the diversity of its occurrences. Therefore, we insert this verb in a context of concepts such as identity and variation according to the TOE.

Keywords: *Verb to take; Identity; Variation; Theory of Enunciative Operations.*

REFERÊNCIAS

CORREIA, Clara Nunes (2006). **Estabilidade e deformabilidade das formas linguísticas**. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas- Universidade Nova de Lisboa.

CULIOLI, Antoine (1990). **Pour une linguistique de l'énonciation: Opérations et représentations**. Tome I. Paris: Ophrys.

_____ (1999a). **Pour une linguistique de l'énonciation: Domaine notionnel**. Tome III. Paris: Ophrys, 1999.

_____ (1999b). **Pour une linguistique de l'énonciation: Formalisation et opérations de repérage**. Tome II. Paris: Ophrys.

_____ (1985). **Notes du séminaire de D.E.A.** Université de Paris 7.

DAHLET, Patrick (1995). **Heterogeneidade enunciativa e homogeneização teórica**. Estudos Linguísticos (São Paulo), v.1, p. 330-336.

DANON-BOILEAU, L. (1987). **Enonciation et reference**. Paris : Ophrys.

DE VOGÜE, Sarah; PAILLARD, Denis (1997). **Identité lexicale et hétérogénéité de la variation co-textuelle : le cas de suivre**. P. Univ de Caen.

_____ (2011a). Culioli após Benveniste: enunciação, linguagem e integração. In: **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto.

_____ (2011b). Os princípios organizadores da variedade das construções verbais. **ReVEL**, v. 9, n. 16.

FRANCKEL, Jean-Jacques (2011). Referência, referenciação e valores referenciais. In: **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto.

FRANCKEL, Jean-Jacques ; PAILLARD, Denis (2011). Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto.

LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira (1997). **O artigo no processo de construção referencial: as operações de determinação e indeterminação**. Tese de Doutorado (UNESP – Araraquara), 313f.



LIMA, Vanessa Santana (2013). **A prática de reformulação dos enunciados como fundamento para o trabalho com a significação nas aulas de língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – UNIFESP – EFLCH, 137f.

LUZ, Fernanda Martins (2013). **Variação semântica e identidade**: um estudo dos verbos sentir e perceber. UFPI- CCHL. Dissertação de mestrado, 146f.

ROMERO, Márcia (2000). **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical**: a polissemia redimensionada. Tese (Doutorado) – USP – 342f.

_____. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011. [www.revel.inf.br].

_____; TRAUZZOLA, Vanessa Santana Lima (2014). Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações enunciativas. **Calidoscópico**, v. 12, n. 2, p. 239- 248, mai / ago.

VALENTIM, Helena Topa (1998). **Predicação de Existência e Operações Enunciativas**. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Edições Colibri: Lisboa.

